



CAMPUS

<http://blog-campus.blogspot.com>

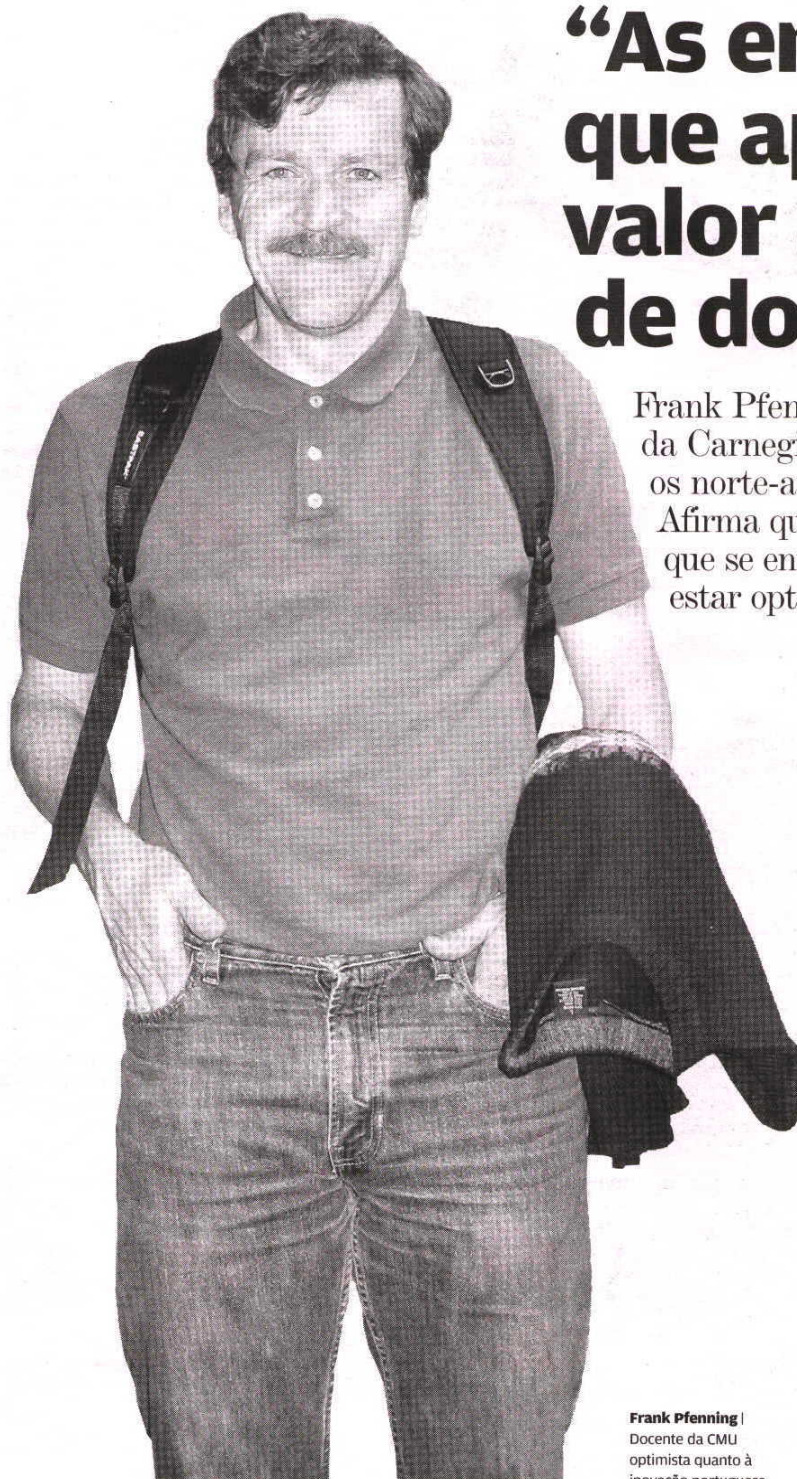
ENTREVISTA

Responsável do CMU-Portugal quer empresas e Superior mais próximos

FRANK PFENNING | DIRECTOR DA CARNEGIE MELLON

“As empresas têm que aprender a dar valor aos alunos de doutoramento”

Frank Pfenning é um dos responsáveis da Carnegie Mellon envolvidos no acordo que os norte-americanos assinaram com o Governo. Afirma que as empresas e o Ensino Superior têm que se entender melhor em Portugal, mas diz estar optimista, depois do que tem visto no país



Germano Oliveira
germanooliveira@mediain.pt

Assinado em meados de 2006, o acordo Carnegie Mellon (CMU)-Portugal faz parte de um conjunto de parcerias assinadas entre o Governo e instituições norte-americanas. Desta forma, a CMU juntou-se a um duo composto pelo MIT e pela Universidades de Texas, que se comprometeram a trabalhar com as instituições de Ensino Superior e de investigação portuguesas, num trabalho que envolve ainda as empresas. No que toca especificamente ao acordo CMU-Portugal, envolveram-se mais de 100 alunos, um número superior a 30 empresas (incluindo a PT) e mais de uma dezena de instituições portuguesas de ensino e investigação. Frank Pfenning, docente da CMU que tem a seu cargo a área de ciência dos computadores neste acordo, elogia o envolvimento das empresas, mas deixa um aviso: é importante que a indústria compreenda a necessidade de apostar na investigação de base e nos doutorados.

Frank Pfenning |
Docente da CMU optimista quanto à inovação portuguesa.

Qual é o ponto da situação dos trabalhos desta parceria?

O acordo tem inter-relacionado componentes educativas com a in-

vestigação, ambas com objectivos de longo prazo que vão muito além do período abrangido pelo contrato. O ênfase no lado educacional vai ajudar os nossos parceiros portugueses a desenhar e a implementar programas educacionais de classe mundial, tanto mestrados como doutoramentos. O ênfase no lado da investigação visa criar parcerias duradouras entre as empresas portuguesas e os investigadores académicos.

Fala-se sempre muito na necessidade de estimular a colaboração entre as empresas e o Ensino Superior. No acordo CMU-Portugal há várias empresas envolvidas. Elas estão a trabalhar bem?

Até ao momento, está tudo bem. Mas mais importante do que projectos individuais é uma mudança na atitude a longo prazo e falo de ambos os lados – Ensino Superior e empresas. As empresas têm que aprender a dar o devido valor, até por uma questão de necessidade, à investigação de base e aos estudantes formados ao nível dos doutoramentos. As universidades têm que aprender a apreciar a indústria como uma fonte de problemas reais e como um laboratório onde se testam soluções para o mundo real. Te-



“Ser um país pequeno não é relevante nestas questões da inovação”

Ser bom em inovação não depende do tamanho do país, mas do que se faz – pelo menos é o que considera Frank Pfenning. Por isso, diz o responsável da Universidade de Carnegie Mellon, Portugal pode ter algo a dizer no futuro da inovação mundial.

O que vê de mais e de menos positivo no Ensino Superior português?

Pelo que vi, e falo da ciência dos computadores, que é a área da minha responsabilidade, os alunos receberam uma excelente formação curricular. Por outro lado, os estudantes quase nunca têm oportunidades para participar em investigação. Penso ainda que o conceito de programas de doutoramento em Portugal, por não ter muito tempo, não está devidamente estabelecido. É aqui que esperamos ajudar.



→ **Um dos problemas que mais afecta os professores é a elevada carga horária de ensino e de envolvimento em matérias administrativas.**

E que opinião concreta tem dos académicos portugueses?

A qualidade do ‘staff’ académico é intocável: há investigadores que lideram internacionalmente nas suas áreas de especialidade, mas também há quem não seja muito produtivo. Só que também convém dizer que um dos problemas que mais afecta os professores de todos os níveis é a elevada carga horária de ensino e de envolvimento em matérias administrativas, o que não é compatível com a excelência que se procura na investigação.

Portugal é um país pequeno. Até que ponto é que este tipo de acordos, como este com Carnegie Mellon, podem trazer benefícios para um país à procura de se afirmar no cenário da inovação e ciência?

O tamanho não é relevante nes-

tas questões – basta pensar na Irlanda ou em Singapura. A revolução da informação ainda agora começou e a inovação verdadeiramente criativa e que cria rupturas é algo que não requer grandes números, mas antes alguns indivíduos brilhantes e as condições certas em tornos deles. Se conseguirmos formar estes indivíduos e criarmos as condições certas, este acordo pode ser extremamente importante para Portugal.

Que legado é que pretende que o acordo deixe?

Do lado da Carnegie Mellon, esperamos que esta parceria seja um modelo de colaboração internacional. Para Portugal, espero que fique o que já mencionei – estabelecer parcerias duradouras entre empresas e o ensino superior e criar programas de referência mundial. **go**



As empresas têm que aprender a dar o devido valor à investigação de base e aos estudantes de doutoramento. As universidades têm que aprender a apreciar a indústria como uma fonte de problemas reais. Tenho a impressão de que há trabalho a fazer em Portugal a este nível.

Ao longo dos últimos anos, noto uma tendência que descarta a investigação de base, havendo mais investimento em investigação com uma orientação de curto prazo. Os governos podem ter aqui uma palavra a dizer.

nho a impressão de que há trabalho a fazer em Portugal a este nível, mas o investimento das empresas no acordo CMU-Portugal dá-me optimismo para pensar que vamos ter algum impacto real por cá.

Atendendo ao que já conhece do país, sente que as empresas portuguesas compreendem devidamente a importância dos investimentos em inovação?

A sensação que tenho é que há um ‘gap’ em relação às tendências internacionais, mas a atitude está a mudar. Os compromissos assumidos pelas empresas no acordo são um sinal encorajador.

E como analisa a forma como as empresas portuguesas investem objectivamente em inovação?

Não tenho um conhecimento suficientemente profundo dos planos estratégicos da indústria portuguesa para fazer comentários mais precisos. Falando em termos globais, tenho verificado, ao longo dos últimos anos, uma especial tendência que descarta a investigação de base, havendo mais investimento em investigação e desenvolvimento com uma orientação de curto prazo. Os governos podem ter uma palavra a dizer neste capítulo, criando incen-

tivos para as empresas começarem a ter uma orientação de mais longo prazo. O Governo português tem estado particularmente lúcido a este propósito, com as suas iniciativas internacionais – como é o caso deste acordo –, que atribuem às empresas um papel central.

Falando em termos globais, as empresas que apostam em inovação estão a investir bem o seu dinheiro?

Umam estão, outras nem por isso. Em termos genéricos, a actual pressão no mercado torna mais difícil os investimentos de alto risco, mesmo os investimentos que poderão ser importantes. Teremos que ver qual será o ponto da situação após a crise financeira ter sido ultrapassada.

Lembra-se de algum bom exemplo de uma empresa que cresceu com base

nos seus investimentos em inovação?

O sucesso de imensas ‘start-up’ a que assistimos ao longo das últimas duas décadas evidencia as mais-valias geradas pelos investimentos em inovação, já que, por definição, o negócio destas empresas está assente nos processos de inovação e crescimento. Em Portugal, a OutSystems, que é um parceiro empresarial com o qual tenho estado envolvido pessoalmente, parece-me um bom exemplo.

Devido à crise financeira, há menos dinheiro disponível nos mercados. Quanto prejudicial será isto para a inovação?

Podemos vir a assistir a um abrandamento e a alguns ajustes, mas sou optimista no que toca à minha área. A ciência dos computadores e as tecnologias de informação e comunicação serão essenciais para resolver os desafios que a Humanidade vai enfrentar ao longo deste século. A inovação não é uma opção – é uma necessidade.

O que deseja para as inovações de 2009?

Espero que os meus alunos encontrem os empregos que lhes permitam pôr em prática a sua considerável criatividade e inteligência.

[PERFIL]

→ Há cozinha para lá dos computadores

Frank Pfenning, 49 anos

Quase, quase a chegar aos 50, Frank Pfenning é um homem paciente e de resposta rápida. Durante mais de um mês, o professor da Carnegie Mellon esperou pelo contacto do Negócios para proceder à entrevista e, logo após ter sido contactado, mostrou disponibilidade imediata para responder às questões. As suas qualidades talvez tenham origem nas actividades que lhe ocupam as horas vagas: “squash”, atletismo, montanhismo, leitura e... a cozinha. Sim, Frank Pfenning é dado aos mistérios da culinária. Doutorada pela Carnegie Mellon, é um especialista em ciência dos computadores.